



**MANTENDO A IMAGEM NOS SHOWS:  
ETNOGRAFANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE  
ANTAGÔNICOS NOS SHOWS DE HEAVY METAL**

**MAINTAINING THE IMAGE AT SHOWS:  
ETHNOGRAPHIC PERSPECTIVES ON SOCIAL  
RELATIONS AMONG ANTAGONISTS IN HEAVY METAL  
EVENTS**

**Muryel Moura dos Santos\***

**Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**

 <https://orcid.org/0000-0003-1552-2189>

[muryel\\_moura@hotmail.com](mailto:muryel_moura@hotmail.com)

**RESUMO:** O artigo analisa etnograficamente como os membros do Heavy Metal (músicos e audiência) em Campina Grande-PB lidam com adeptos do Metal Cristão, explorando conflitos e classificações sociais em shows. A pesquisa destaca três momentos: a inserção no campo, a defesa da autenticidade do metal e sua imagem anticristã, e o processo de reintegração de músicos que se associaram ao Metal Cristão. Conclui-se que os shows funcionam como rituais que reequilibram a ordem da interação, mantendo o Heavy Metal como uma expressão subversiva e anticristã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heavy Metal; antagônico; integração e desvio.

**ABSTRACT:** The article ethnographically examines how members of the Heavy Metal scene (musicians and audience) in Campina Grande-PB deal with followers of Christian Metal, exploring social conflicts and classifications at concerts. The research highlights three key moments: the immersion in the field, the defense of metal's authenticity and its anti-Christian image, and the process of reintegrating musicians who associated with Christian Metal. It concludes that concerts function as rituals that rebalance the order of interaction, maintaining Heavy Metal as a subversive and anti-Christian expression.

**KEYWORDS:** Heavy Metal; antagonistic; integration and deviance.

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG/FAPESQ-PB nº 1231/2021) e membro do GEC – Grupo de Estudos Culturais (CNPQ/UFPB).

## INTRODUÇÃO

No crepúsculo de uma tarde do ano de 2008, Headbangers assistiam numa performance musical, à queima de uma cruz negra invertida, próximo ao palco, instantes antes de iniciar o show de Heavy Metal no underground dos circuitos musicais de Campina Grande-PB. Os músicos, vestidos de preto, encaravam a audiência enquanto uma sonoplastia pairava no ar com sons que remetiam a fortes ventos, chuva, badaladas de um sino e gritos de uma pessoa agonizando às batidas de um martelo. Toda estética sonora e performática era criada para simbolizar a decadência do cristianismo, cujas ações geravam na audiência gritos em concordância às ações realizadas pelos músicos em palco.

O elemento performático dessa apresentação se conecta à música, assim como organiza a identificação do membro com a música tanto em elementos sonoros quanto na dimensão crítica. As bandas locais destacam, em suas canções críticas, a religião cristã e problemas sociais por meio de uma sonoridade crua, resultante de baixas afinações nos instrumentos. A estética utilizada pela banda da imagem abaixo e pelos membros é compreendida como autenticidade e distanciamento do padrão estético dominante da sociedade. Além disso, o grupo exemplifica sua cultura mundializada reproduzindo práticas de uma estética toda negra e de respeito às bandas clássicas (como *Black Sabbath* que era antissistema e trazia elementos ocultistas as suas apresentações). É o caso das bandas do underground campinenses também, que misturam elementos regionais com batidas rápidas (blast beat), produzindo uma ruptura com o Metal mundial. Essa combinação macro e micro, segundo Wallach (2012), revela a adesão dos indivíduos ao estilo musical mundializado, e a sua criatividade em reinventá-lo para o local.

A performance “chocante<sup>1</sup>”, realizada pela banda de Heavy Metal na cidade, impulsionou a pesquisa observar essas apresentações com curiosidade, a fim de compreender nuances do funcionamento dessa ação nos shows localmente.

---

<sup>1</sup> Esse choque também impactou a audiência da pesquisa desenvolvida por Lopes no Rio de Janeiro, na qual o autor descreve a queima de uma cruz suspensa no meio do show enquanto ato dramatizado (LOPES, 2006, p. 54)

**Figura .1** Cruz invertida sendo queimada

Fonte: nosso acervo (2008) .<sup>2</sup>

Observa-se nesses shows que a dimensão crítica ao cristianismo era destacada, tendo em vista que se tratava de uma perspectiva oposta, feita por esses membros, à religião citada e àqueles que se identificam com o Metal Cristão. Em campo, os membros comentavam e “comentavam” sobre os indivíduos associado a esta corrente musical nos shows, alguns falavam abertamente que não os aceitavam, muito menos dividiriam palco, enquanto outros se mostravam indiferente em tratar do tema por ser algo que não precisaria de debate, afinal, segundo conta-se em campo, haveria todo um show se opondo ao cristianismo. Alguns ainda denunciavam esses indivíduos nas redes sociais, a fim de que todos soubessem de sua relação com o cristianismo, configurando-se como uma forma de manter o comportamento modelo (subversivo) sem cristianizar os shows.

Objetivando entender mais sobre como esses indivíduos se mantêm em oposição ao Metal Cristão, percebeu-se que estes não findam suas críticas apenas como um ato que pode ser considerado subversivo, ou mesmo pela associação considerada unicamente ocultista. A pesquisa revelou que eles estão resistindo para manter suas imagens, seus espaços de atuação social e profissional entre jovens e adultos, homens e mulheres.

O artigo teve como inspiração a perspectiva de Goffman (1956) e Schutz (1979) acerca das representações e relações sociais, assim como da prática social (BOURDIEU, 2001) enquanto forma de analisar as relações e as atividades constituintes dos indivíduos desse meio social. Na medida que o texto avança, apresenta-se as demandas atreladas

<sup>2</sup> Esse registro foi realizado no período em que o pesquisador participava na condição de audiência dos eventos underground.

àqueles indivíduos considerados desviantes ou manchados pelo cristianismo, permitindo a eles serem integrados ou distanciados do grupo.

Os dados apresentados neste artigo resultam de um trabalho de campo que tem sido desenvolvido ao longo da estada na academia. As descrições apresentadas resultam de experiências nos momentos dos shows no lócus de pesquisa e em outras cidades próximas, como João Pessoa-PB e Recife-PE, com um público que varia entre 30 e 70 pagantes no *underground*. O underground é uma categoria do grupo que define o estilo de vida alternativo ao mainstream artístico e social, caracterizado por práticas que se opõem à lógica econômica dominante da indústria cultural. Como Campoy (2008) define underground em seu trabalho sobre a cena underground no Rio de Janeiro, como espaço de resistência em que a autogestão (inspirado em preceitos punks do “faça você mesmo”), a marginalidade e a oposição ao mainstream formam a base que sustenta, na ética, o compromisso com os pares. Mesmo sabendo que o underground não gera dinheiro ou enriquecimento pelas atividades e encontros nos espaços sociais, os membros se fazem presentes para apoiar as bandas de amigos e parceiros comprando *merchandising*, pagando os ingressos, viajando para outros estados como forma de fortalecer seus artistas (que fazem seus discos em *home studio* com limitações técnicas), produtores (que produzem shows em espaços precários, com infraestrutura mínima) e suas relações sociais e éticas (MESSIAS, 2013).

Na análise que se segue, discute, a partir dos dados de pesquisa, as ações dos membros para manterem as imagens enquanto oposta à religião e ao Metal Cristão; e de que maneira esses indivíduos associados ao Metal Cristão reagem à desconsideração feita pelo grupo quando estão em estado de interação social nos shows; busca, por fim, demonstrar o processo de reintegração que é proposto a esses últimos indivíduos.

Para isso, o artigo está dividido em três momentos. No primeiro momento, é apresentado alguns aspectos da pesquisa de campo; em seguida, mostra como os indivíduos associados ao Heavy Metal local visam manter as razões pelas quais eles defendem o metal e suas imagens, possibilitando-os reconhecimento e espaços em que podem atuar enquanto músicos; e, no terceiro momento, debate o processo de reintegração dos membros que desviaram ou mancharam suas imagens com o tema religioso conservador. Por fim, se apresenta que as relações sociais operadas nos shows são de caráter ritualístico, o que permite aos indivíduos reequilibrarem a ordem social, mantendo o Heavy Metal enquanto subversivo e anticristão.

## ACERCA DA PESQUISA DE CAMPO

Os dados apresentados neste artigo derivam de uma pesquisa iniciada em 2015 até contemporaneidade no doutorado, cujo enfoque era entender as performances dos músicos no palco e as práticas da audiência que frequentava os shows de *Heavy Metal* – exceto o período da pandemia que não foi possível realizar pesquisa de campo, sendo possível apenas os eventos realizados e transmitidos virtualmente. Como parte desse empreendimento de pesquisa, passou-se a acompanhar e acumular material etnográfico do grupo nos shows locais, assim como as excursões para outras localidades do estado e fora da Paraíba. Conforme Lopes (2006), são os locais de shows dispostos pela cidade que permitem a sociabilidade entre diferentes gerações (MORAES, 2014), ocorridos muitas vezes em locais estigmatizados ou marginais (WACQUANT, 2002); esses espaços permitem aos indivíduos compartilhar saberes e experiências educativas (COELHO, 2014), enquanto uma forma de gerar ou reproduzir práticas que conotam a adesão do indivíduo ao grupo. A prática de ser um membro do *Heavy Metal* anda atrelada ao estilo de vida que eles dizem viver nos eventos e no cotidiano e ordena e dinamiza modos de interagirem e estabelecerem contato com o outro.

Com base na observação de campo e na análise desenvolvida neste trabalho, assim como nas contribuições de outras pesquisas (LOPES, 2006; MORAES, 2014; COELHO, 2014), percebe-se que o estilo musical do Heavy Metal desempenha um papel significativo na transformação do comportamento dos indivíduos durante encontros sociais. Essa transformação ocorre por meio da identificação e do reconhecimento de si no outro, fenômeno amplamente discutido pelos pesquisadores citados anteriormente. A interação face-a-face como modo de etnografar as relações sociais, em que a possibilidade de experimentar e experienciar os shows levando em consideração a maneira pela qual os indivíduos agem e reagem nos bastidores (ordinário) da vida social, foi fundamental para a realização da pesquisa de campo na cidade de Campina Grande-PB.

Campina Grande-PB está localizada no Nordeste, especificamente, no estado da Paraíba, cidade conhecida pelo turismo econômico e cultural, devido às festas juninas e, com o Maior São João do Mundo, e a eventos religiosos, como o Encontro da Nova Consciência e a Consciência Cristã. Entretanto, alternativamente a essas práticas dominantes, o underground do Heavy Metal se apresenta em espaços marginais, revelando apresentações de músicos independentes e uma audiência fiel que os assiste e os apoia. Em contraste às normas dominantes, o grupo resiste desde meados dos anos

1985, quando bandas pioneiras como Nephastus, Krueguer, Caveira e Gore Vomit, entre outras, começaram a se apresentar na cidade e, conforme Santos (2016) apresenta em seu trabalho historiográfico, passaram a gerar uma identificação entorno da música e uma postura antissistema.

Atualmente, a cena underground na cidade oferece uma alternativa às manifestações artísticas e religiosas socialmente aceitas, espaço em que os jovens e adultos podem apreciar suas músicas e encontrar seus pares em pubs, bares, praças e espaços universitários. Essa cena dialoga com o hardcore e punks, que, em conjunto, passam a produzir e divulgar suas expressões artísticas distante dos meios de comunicação e estilos musicais convencionais. Um exemplo disso é a possibilidade que os membros organizados tinham de participar dos circuitos musicais de bandas undergrounds (nacionais e internacionais) que passavam pela cidade, produzindo eventos e divulgação de forma independente, em que a produção é feita pelos próprios Headbangers, regularmente sem apoio público ou privado. Essa postura dos Headbangers vai contra a lógica artística dominante, como destaca a vontade criativa e resistente do grupo em fazer os eventos acontecerem na cidade.

Embora Campina Grande seja divulgada como uma cidade plural, a minha pesquisa realizada (SANTOS, 2018; 2021) ao longo dos anos aponta que o conservadorismo religioso cristão ainda influencia políticas públicas e comportamentos sociais, criando tensões com grupos urbanos. Nesse espaço marcado por contrastes sociais, econômicos e culturais, os Headbangers utilizam de seu estilo de vida como mecanismo para criticar as instituições sociais (inclusive as religiosas) e reafirmar a possibilidade de existirem na cidade tomada por igrejas. A organização do grupo, regularmente tocava em temas como hipocrisia religiosa, preconceito e problemas ambientais, e mais recentemente têm sido incluído temas antimachismo, antissexismo e posturas conservadoras<sup>3</sup>.

A presença dos Headbangers nesse contexto não se limita à dimensão simbólica que o grupo representa, mas se materializa em redes de cooperação e apoio mútuo que desafiam a lógica do capitalismo na sociedade. Bandas como Korvak, Venomous Breath e Atro não somente se apresentam nos espaços alternativos, como também gerenciam

<sup>3</sup> Enquanto se observa uma guinada da extrema direita sobre os grupos alternativos, no qual o Heavy Metal se inclui, o grupo campinense se opõe e estabelece uma barreira para reprodução do conservadorismo em suas práticas, como é possível observar nas falas dos Músicos entrevistados, ao comentaram que “nazismo não se cria na cidade” e “eu nunca tocaria com banda nazi” (CADERNO DE CAMPO, 2021). Isto é, práticas ou apoio a posturas do tipo conservadoras não teriam espaço e nem diálogo com os Headbangers.

suas próprias carreiras, gravando canções em *home studio* e distribuindo de maneira independentes nos eventos que participam. Esses músicos, assim como uma parte considerável da audiência, são oriundos de bairros periféricos da cidade, transformam pequenos espaços de garagens ou centros comunitários locais em palcos improvisados para shows, criando uma economia grupal. A audiência, composta por indivíduos de classe trabalhadora, se organiza para comparecer aos eventos, realizam pagamentos de ingressos antecipados para garantir uma base econômica aos produtos e protegem seus poucos espaços de atuação na cidade. Eventos como Rock Campina, realizado pela primeira vez em 2004, tornou-se uma referência para a cena local, atraindo bandas e audiência de outros estados circunvizinhos, como Pernambuco e Rio Grande do Norte – sendo uma prova de que o underground rompeu barreiras, mesmo sem reconhecimento midiático e do poder público, ao contrário do que ocorre com bandas de outros estilos musicais como gospel, forró e sertanejo.

A postura assumida por gestores da cidade demonstrou, ao longo dos anos, desatenção aos espaços artísticos culturais não convencionais, enquanto eventos religiosos gospel recebiam atenção e apoio por parte da prefeitura. Essa desassistência gerou força e coesão no grupo para mobilizar seus próprios eventos, de modo que os músicos e audiência passaram a afirmar casos de silenciamento e realizar discursos críticos nos eventos como forma de valorizar o esforço do grupo. O underground campinense revelou as contradições da cidade, criando espaço para confrontá-las.

Durante esta etapa da pesquisa nesse *locus*, se explorou o mundo empírico do grupo a partir de uma perspectiva qualitativa, realizando observação participante nas atividades dentro e fora dos shows, tomando a postura ética para entender, de forma clara, o que acontecia na vida desses indivíduos. Desse modo, a pesquisa buscou analisar a experiência cotidiana e conhecer os músicos e audiência para além dos shows, o que possibilitou enxergar as crenças e comportamentos daqueles que já são considerados do grupo, e comparar com aquilo que eles fazem e dizem nos shows, viagens e encontros sociais com amigos.

De acordo com alguns pesquisadores (BOURDIEU, 2004; PEIRANO, 2002), a pesquisa de cunho etnográfico pode ganhar muito quando se estabelece uma interação entre o pesquisador e o grupo pesquisado, pois, ao realizar o trabalho de campo, o pesquisador não somente realiza uma investigação do social, ele estabelece, sobretudo, relações e cria laços sociais que são fundamentais para a etnografia. A pesquisa contactou apenas aqueles indivíduos que desviaram e voltaram ao metal, pois, se tomasse algum



diálogo com os associados ao Metal Cristão, seriam criadas barreiras para conversar com os *Headbangers*. Tendo em vista o impasse gerado pelo antagonismo dos grupos e o tema religioso como custoso aos membros, foca-se aqui nas descrições de pesquisas e conversas com membros com que se estabeleceu relações de confiança.

A participação nos shows com assiduidade foi um aspecto importante para demonstrar compromisso com os membros, algo que eles demandam dos outros e a pesquisa conquistou ao longo do tempo. Buscou-se chegar ao local do evento antes mesmo de seu início, assistir às apresentações e interagir após o término do evento para uma compreensão mais ampla do show enquanto ritual. Como o objetivo era conhecer a particularidade da prática do *Heavy Metal*, fora registrado, a partir da observação e conversas informais no caderno de campo, fato que gerou reações neles – alguns membros sabiam da pesquisa e, em algumas ocasiões, tentavam ler as anotações, ação que se caracterizava como uma espécie de controle.

A pesquisa de campo contemplou aproximadamente 100 shows, gerando aproximadamente 1000 anotações sobre as apresentações e as dinâmicas de interação entre a audiência campinense, obtidas por meio de conversas informais. Nesse processo, registrou-se dados advindos de redes sociais como *FaceBook* e *Whats App*, em grupos e perfis dos membros na internet. Registros que foram fecundos para entender a dinâmica interna e externa das relações e seus laços e tensões sociais.

A pesquisa conheceu os espaços ordinários como as casas de alguns membros em bairro de classe média e baixa, além de encontros em universidades e centro da cidade, momentos regados por cordialidade e informalidade, tanto por conhecidos quanto por amigos de shows. A maior parte desses membros tinha formação acadêmica nas áreas de exatas, biológicas e humanas, alguns já profissionais trabalhando na área e outros especializando o conhecimento em programas de pós-graduação públicos e privados; outra parte trabalhava como motorista de aplicativo, vendedor de produtos de informática e comerciante de alimentos.

Os indivíduos que frequentam esses espaços eram jovens e adultos, numa faixa etária entre 16 e 45 anos. A maior parte era composta por homens solteiros e outros casados, compreendidos como brancos, pardos e negros. Entre o público feminino, prevalecia a presença de mulheres brancas e pardas entre 16 e 35 anos – observou-se



pouca participação de mulheres negras no *lôcus* de pesquisa, embora, em outras localidades como em Recife-PE, essa não seja a realidade (KITTINGHAM, 2014)<sup>4</sup>.

Por isso, as experiências nos shows foram singulares para esta discussão e apresentação de dados, conforme se apresenta nas próximas seções.

### A IMAGEM HEADBANGER NOS SHOWS

Na maioria dos shows de *Heavy Metal* na cidade, os *Headbangers* demonstravam um senso de irmandade tratando uns aos outros com cordialidade e simpatia, num espaço social em que todos celebravam a música e as performances em palco. Eles formavam pequenos grupos ou círculos de amigos nos shows e, para além desse espaço social, esse comportamento se reproduzia nos bares e *pubs* da cidade de Campina Grande-PB. Em cada espaço social em que essa forma de interação se desenvolvia, era possível identificar um padrão de comportamento em que tanto as atividades dos membros quanto o caráter das conversas que eram estabelecidas expressavam regularidades (por exemplo: a forma de se vestir com predomínio do preto entre homens e mulheres, a exortação no discurso ao *Heavy Metal* e ao que era compreendido como apreciável dessa música) que expressam suas visões de mundo sobre esse estilo musical, como também os *Headbangers* avaliavam os participantes desses espaços e seus próprios comportamentos. Esses são elementos característicos do grupo: a indumentaria (roupas pretas com broches de bandas e peças metálicas, como correntes), modificações corporais como tatuagens, cabelo raspado ou cabelo longo, e elementos subjetivos, como a visão crítica ao sistema, são os elementos principais que formam os identificação *Headbangers* na cidade e em outros locais.

Esse comportamento chamou atenção para as relações sociais nos shows, uma vez que se estabelecem como um valor “positivo” aos membros, quando estes mantêm um comportamento regular (estético, enfático ao estilo musical e crítico de si e dos outros) nos encontros. Esse comportamento podia ser entendido como uma imagem social compartilhada do *self* em função dos valores sociais – como podia ocorrer numa boa performance de músicos em palco e uma boa demonstração de conduta por um membro.

<sup>4</sup> O trabalho de Kitteringham (2014) analisa as apresentações, os tratamentos e os desafios enfrentados por mulheres que participam desse meio masculino e tocam em bandas no Canadá.

Nos shows, o membro experimenta não somente as emoções musicais geradas pelas performances, mas as emoções sociais que estão relacionadas às imagens sociais nos encontros com seus pares; ele operacionaliza o interesse libidinal e seus sentimentos em relação à sua imagem social, ao participar desses espaços de prestígio social no underground.

Ao participar dos shows de Metal o indivíduo sabe que sua imagem social poderá ser qualificada além das expectativas de seu possuidor (receber elogios por amigos, por ser um bom músico ou por ter bom “gosto” musical), bem como pode ocorrer de essas expectativas serem derrubadas por sua irrealização, por exemplo, quando o indivíduo se torna malfalado ou mesmo quando *maliava* (*criticava*) as apresentações dos outros músicos, o que o deixava desconfortável por passar a ser de conhecimento geral o seu criticismo ou “inveja”.

De modo geral, os *Headbangers* (músicos e audiência) prezavam por suas imagens sociais, pois, segundo eles, existem indivíduos infiltrados nos shows que tentam distorcer a realidade do grupo, como os *posers* e *White Metals*. A Categoria de poser trata-se daquele indivíduo que falseia/dissimula ser Headbanger, e a categoria de White Metal se refere aos adeptos do Metal cristão. Segundo o trabalho de Wanderley (2008), apesar de a categoria White Metal ser utilizada pelo Headbanger como algo negativo, o Metal cristão combina elementos do Heavy Metal, no que diz respeito à guitarra, à bateria e aos vocais (com suas variações rítmicas do mais “pesado” ao mais “leve”), enquanto suas letras abordam temas cristãos, como fé, salvação, redenção, isto é, para esses últimos as letras são opostas às ideologias ocultistas e críticas que dominam o repertório Headbanger. Muitos músicos e audiência do Metal cristão estão ligados as igrejas, fator esse que também reforça animosidades com os Headbangers na localidade de análise. Observou-se que, além da ideologia cristã e da ideologia dos Headbangers, há na atualidade uma tendência dos whites radicalizarem suas visões políticas com o apoio do ultraconservadorismo nas igrejas, o que acentua dissensão com os Headbangers campinenses<sup>5</sup>.

No entanto, os *Headbangers* mantêm sentimentos sobre a imagem uns dos outros e isso constituía o envolvimento entre eles, quase “natural”, de irmandade. Esse respeito mútuo aos irmãos se deve pelo capital artístico e capital simbólico de

<sup>5</sup> É preciso dizer que, a partir dos relatos dos Headbangers, a similaridade do white com o “metal secular” é o que faz eles caírem em infortúnios, como eles dizem queimando suas imagens e carreiras musicais (SANTOS, 2018). Para informações sobre os efeitos da temática ultraconservadora nesse campo sugere-se o trabalho de Sena (2019).

masculinidade que possibilita ao grupo legitimarem status e qualidades “ínatas” de ser membro, como distância dos que desviam para o mundo religioso cristão e que comungam da alienação que se encontra no cerne da religião dominante. Alguns membros acreditam que não existe *Heavy Metal* sem anti-cristianismo e por isso não confiam em quem não inverte a cruz – com isso, o grupo define quem merece participar da partilha desses sentimentos de respeito e quem receberá afetos em suas imagens sociais.

Os shows são espaços privilegiados para analisar esses tipos de comportamentos dos membros do *Heavy Metal* em oposição ao cristianismo. Através desses eventos, o membro só está com a imagem adequada quando ele se porta de modo consistente. O grupo utiliza-se da categoria *truer* (aquele que é verdadeiro/autêntico) para dizer que determinado membro possui atributos desejáveis, evidenciados por ele apresentar comportamento exemplar e estar engajado no metal – esse é um termo local que era atribuído e não autoatribuído como aparece nas pesquisas de Santos (2013; 2021). Desse modo, a imagem social feita do *Headbanger* não dependia somente de seu comportamento, mas de suas ações nos fluxos dos encontros com os outros membros.

Esse tipo de comportamento, mantido durante os momentos de contato nos shows, demonstrava sua legitimação. Nos eventos, os membros apresentam o gosto musical e artístico dentro do escopo do Metal, a camisa<sup>6</sup> com estampa de banda era um elemento a priori desse gosto que podia ser apoiado na imagem social dos membros – há uma compreensão no campo de que os mais antigos no grupo possuem esse gosto musical por escutarem bandas consideradas “clássicas” (por exemplo: *Deep Purple*, *Huriah Heep* e *Black Sabbath*) e suas experiências de engajamento no grupo são moralmente desejáveis por ser algo que todos projetam para sua carreira moral (BECKER, 1963; HUGUES, 1971).

Tendo em vista os atributos e a legitimação relacionados à imagem do *Headbanger* nos shows, o indivíduo que assim desejar integrar o grupo perceberá que existe um comportamento modelo e o cuidado com sua imagem social. Depois disso, o membro, já incorporado à ideia de respeito e respeitado por atividades musicais ou sociais no grupo, passa ser responsável por seus atributos – é um processo de socialização que quando desenvolvido produz respeito dentro e fora desses espaços de trabalho

<sup>6</sup> A camisa é um elemento importante para os *Headbanger*, pelo fato de revelar o gosto que determinado membro aprecia. A camisa pode ser ainda um abre alas para uma sociabilidade, como também o fechamento para que isso não ocorra.

artístico e lazer. Quando há revelação de atributos não desejáveis por algum membro, os *Headbangers* entendiam que este indivíduo que não segue os valores era considerado um falso, pois ele demonstrou não seguir o que estava “dado” nos eventos.

O *Headbanger* mantém a imagem social nas atividades porque deseja sustentar uma coerência e com isso demonstrar o seu envolvimento por completo no grupo do *Heavy Metal*. Nesse meio social e artístico, no caso do músico, ele temia manchar e sucumbir sua imagem, devido a alguma associação ao cristianismo, pois os membros podiam não o compreender como alguém que merece prestígio nos shows, ou mesmo não o considerar em vínculos afetivos de reconhecimento dos irmãos. Ainda assim, a diferença entre a atividade realizada e o grupo levava os indivíduos, aqueles associados ao Metal Cristão, a receberem antipatia e indiferença, distanciando-os do círculo de interação do grupo.

A utilização do boicote a shows de bandas ou músicos com associação ao Metal Cristão era uma demonstração de que a imagem deles estaria inapropriada, segundo eles contam em campo – por esse motivo, os *Headbangers* evitam a infiltração dos “inimigos”. Há alguns anos, ocorreu um show num antigo bar chamado Vitrola, localizado no centro da cidade, numa região marginal do centro. Fora da casa de show, segundo alguns membros que lá estavam reunidos, muitos *Headbangers* não iriam comparecer ao show porque a banda principal, que se apresentaria, manteve relacionamento com um antigo músico do Metal Cristão, agora produtor musical. Para os membros, naquele momento, era inadmissível que uma banda, com o destaque que tinha, estivesse produzindo um CD com alguém associado ao Metal Cristão. Esta banda estava passando pela cidade, realizando uma *tournee* nacional, e possuía prestígio social internacional nos circuitos undergrounds, esta banda não era mais considerada por aqueles que boicotaram o show como forma de protesto.

Quando isso não acontece, os *Headbangers* apresentam a imagem esperada. Músicos, em especial, os vocalistas demonstram essa discórdia com o cristianismo quando estão nos palcos em discursos firmes e convictos naquilo que afirmam, por exemplo, agulhadas desferidas aos adeptos do Metal Cristão que frequentam os espaços dos shows deles como um vocalista certa vez afirmou: “Deus não existe, Morte aos falsos, amigo! o seu Deus é um fraco em terras pagãs. Nós somos uma banda compromissada com o verdadeiro Metal” (SANTOS, 2021, p. 99).

Isso se reproduz com regularidade nesses espaços por meio das performances em palco. O vocalista se vê na condição firme para afirmar esses discursos e manter sua

imagem na frente dos demais. Ele se sente o porta-voz do grupo, munido do poder de discursar e agir em nome do grupo, através da “magia da palavra de ordem” (BOURDIEU, 2008, p. 77). Ao realizar isso, ele encarna e se identifica com grupo, entregando-se de corpo e alma para realçar como deve ser a representação social deles.

Quando ocorre de um membro revelar na interação que está com sua imagem associada ao Metal Cristão ou mesmo à crença cristã, este buscava expressar-se de modo diferente, desviando o tema da conversa como uma nítida demonstração de que a revelação de sua crença ou apreciação musical exposta causa-lhe vergonha. Mas a informação gerada a partir daí não é facilmente retirada ou esquecida nas conversas dos membros. O amigo de Franco<sup>7</sup> chamado Helian, sentiu o que seria estar com a imagem manchada devido ao seu passado com a religião cristã. Helian por muito tempo esteve participando dos shows e produzindo sua revista sobre o Metal “*underground*”. Esta revista lhe possibilitou estabelecer contato com diversos membros (músicos e audiência) do *Heavy Metal* nacional. Os membros locais, objetivando a produção de um evento de Metal extremo<sup>8</sup> na cidade, com bandas de renome, pensaram que Helian poderia ser alguém que poderia ajudar na divulgação e produção do evento.

Este membro informou que ficaria responsável pelo marketing do evento. No entanto, os organizadores consideraram que ele não tinha feito como planejado e isso afetaria a relação da produtora com a banda renomada que tocaria na cidade, a irrealização dessa atividade em conjunto fez com que tivesse desavenças entre Helian e os outros membros que organizavam o Show.

Após esse momento, segundo contou Helian, já exilado e ainda produzindo seu fanzine, eles não quiseram trabalhar com ele por seu passado como padre, o que gerou mais impacto nas suas relações, quando um desses membros divulgou, num grupo da internet, fotos de Helian abraçado com freiras e beijando um crucifixo. Ele relatou que não frequentava mais os shows devido ao receio e ameaças que recebeu. Helian comentava que tentava se mostrar diferente daquilo que projetaram sobre ele como modo de evitar que “estava para baixo” e hostilizado, afetando sua reputação enquanto membro e em outras localidades. Ele ainda chegou a dizer: “Participar do Metal, às vezes é terrível, porque a gente sofre questionamentos que não condiz com nossa realidade e

<sup>7</sup> Todos os nomes apresentados aqui são fictícios para manter a privacidade dos envolvidos na pesquisa.

<sup>8</sup> Categoria do grupo para os subgêneros mais “pesados” *Black* e *Death Metal*.

pior, justamente por pessoas que a gente nem conhece e nem sabe de Metal” (SANTOS, 2021, p. 123).

Essa queixa apresentada por Helian foi uma demonstração de que sua imagem não tinha apoio no grupo ao qual ele se mantinha conectado emocionalmente, e agora estava manchada. Essa falta de compreensão ou solidariedade por parte dos membros fez com que Helian ficasse com receio de estabelecer contato enquanto participante desse meio social. Em suas redes sociais, Helian passou a tentar ocultar essa imagem descoberta, retirando as fotos que mostravam seu rosto, e seu nome se tornou um *nickname*<sup>9</sup>. Mesmo assim, alguns membros descobriram que ele estava utilizando dessa técnica (se passando por outra pessoa no perfil) para se integrar no grupo, então eles crackearam a conta virtual dele do *Facebook* por várias vezes.

Quando Helian caminhava pela cidade, ele expressava seriedade e atenção por onde estava caminhando, mas, no momento em que avistava seus amigos, relaxava e conversava tranquilamente. Todo o acontecimento o deixou com uma mistura de sentimentos como vergonha, raiva e receio. A mistura de sentimentos podia ser percebida por aqueles que Helian permitia interação e que isso não era uma forma de agir comum no grupo, esse acontecimento teve maior impacto em Helian, quando a imagem dele de verdadeiro *Headbanger* engajado, passou para uma imagem envergonhada.

Após esse momento, observou-se a web página em que Helian tinha sido exposto e lá havia também comentários de membros afirmando que ele era ultraconservador. Eles compartilharam um trecho de uma revista de Helian, no qual ele perguntava ao entrevistado se ele pensava o Metal apenas para pessoas brancas. Nesse momento, por intermédio de outros interlocutores, foi contado de que as revistas dele tinham introduzido esse teor de extrema direita, algo que foi desde o início rechaçado e combatido pelos membros do grupo local.

Descreve-se uma situação de pesquisa, que se deu na cidade do recorte analisado, na qual Franco, ainda um *Headbanger* iniciante, participou de um evento de Metal Cristão e teve sua foto exposta nas redes sociais por alguns membros locais que descobriram a realização do evento com temática cristã. Após a situação caracterizada por indesejável como o evento realizado com a temática “*The Gates of Hell Shall Not*

<sup>9</sup> No grupo, a utilização de nicknames visa expressar atributos sociais aos seus utilizadores, em especial, nicknames que conotam aspectos de masculinidade inspirados em mitos e culturas ocidentais e orientais.

*Prevail*<sup>10</sup>, pelos cristãos, nas redes sociais, e a repercussão “negativa” no grupo dos *Headbangers*, Franco ficou fora dos shows por alguns dias para entender a causa de aquilo estar acontecendo e gerando clímax de animosidade e insultos. Ele participava dos shows como audiência, mas regularmente fazia registro fotográfico dos eventos que participava e postava em seu perfil pessoal, modo pelo qual chegou ao conhecimento dos seus amigos que ele estava participando de shows cristãos, recebendo aí um alerta acerca do problema que essa participação constituía – algumas fotos desse evento vazaram na internet e foram utilizadas por outros membros para insultar e criticar os envolvidos.

Este membro passou a receber conselhos de amigos e colegas para não se envolver em situações do tipo descritas, pois isso afetaria a imagem social. Essa advertência, só foi possível pela compreensão que os amigos tiveram, tendo em vista que era um iniciante e que merecia uma segunda chance. Com o passar dos anos, Franco passou a ser um “exemplo” de representação, levando a sério os ensinamentos que obteve no campo, de tal modo que os amigos passaram a afirmar que ele lutava pela causa do Metal, participando dos shows, adquirindo os produtos (CDS, camisas de bandas etc.) e vivendo a identidade *Headbanger* cotidianamente.

A experiência de Franco e o respaldo dado pelos membros era uma demonstração de que estava com o porte apropriado, de modo a poder apresentar-se como um convicto e verdadeiro *Headbanger*, mantendo-se firme nos ideais do grupo e, como eles dizem, “vestindo a camisa”. Com isso, ele recebeu uma nova chance para restaurar sua imagem.

Enquanto uma atividade social desse meio, os *Headbangers* demonstravam-se dispostos a manterem suas imagens conforme o socialmente estabelecido. No caso de Franco, ele se redimiou do que tinha feito, reivindicou seu comportamento, porque estava fora da perspectiva esperada pelo grupo, e passou a privilegiar uma postura crítica frente ao Metal Cristão, isto é, absorveu a imagem de que Metal não é cristão. Como maneira de manter-se enquanto nova criatura, Franco passou a olhar de forma crítica, responsável e atenta ao fluxo das ações dos indivíduos que interagiam com ele, por exemplo, terminando sua amizade com Helian.

<sup>10</sup> A pesquisa historiográfica de Marques (2017) mostrou que na cidade de Campina Grande, além de possuir bandas de Heavy Metal tinha bandas de Metal Cristão que atuavam nos espaços dessa urbe desde meados de 2009. O autor destaca que as bandas cristãs tocavam em igrejas, praças e locais públicos e privados em que o grupo de *Headbangers* costumavam realizar seus shows como Planet Hall e CUCA espaços de lazer próximos ao centro da cidade.



Numa excursão organizada pelo grupo local para a cidade de João Pessoa, essa temática cristã reapareceu. O show foi realizado próximo ao Centro Histórico e havia vários pubs com música ao vivo de diversos gêneros musicais, como Hip Hop, Funk e outros. A excursão era composta por membros e uma banda local que faria uma apresentação. Ao chegar no local, Franco sentou à mesa que estava na frente da casa e apresentou o local, pois, segundo disse, já havia participado de eventos naquele pub. Franco se predispôs a apresentar não somente o espaço aos amigos como os indivíduos que frequentavam os shows, revelando de forma contida um desconforto com alguns indivíduos que transitavam no local.

Franco contou que tinha dificuldade em lidar com determinados membros que participavam do Metal e iam a igreja aos domingos; segundo ele não havia coerência essa postura, em especial, por toda representação oposta, feita pelo Metal ao cristianismo. Ele apontou para um rapaz, sinalizando que era dele que estava falando, ele afirmou que havia adicionado o indivíduo falado nas redes sociais do *Facebook* e quando foi olhar suas fotos, observou, na aba “fotos marcadas”, que ele tinha fotos em igreja. Isto é, as fotos não estavam na aba principal, sendo necessário investigar o perfil do indivíduo para descobrir tais fatos sobre ele.

Ainda segundo Franco, após adicionar o rapaz na rede social, olhou o perfil do indivíduo e as fotos da igreja já não estavam mais lá, ele havia rapidamente ocultado as fotos, pois provavelmente sabia o modo como esse tema era tratado no Metal. A manifestação para o grupo, realizada por Franco, se dava pelo dever à unidade social da qual faz parte, como recebe suporte dos membros em nome da honra<sup>11</sup> coletiva.

Assim, o grupo espera que o membro, ao participar da irmandade, tivesse respeito por si, assim como pelos demais; afinal, para o grupo, o respeito para além de ser alcançado pela posição do membro, deve ser merecido ou conquistado de modo “espontâneo”. Mas isso deve ser apresentado nas relações, isto é, torna-se preciso mostrar as provas do respeito, sendo corajoso, firme em suas posições frente ao mundo, destemido, dominar a linguagem do campo e distinto de tudo extra Metal – aspectos da masculinidade que são emulados nas canções e capas de mídias das bandas em nível “*underground*” e “*mainstream*”.

O grupo almeja que este membro preserve os seus sentimentos e a imagem social dos *brothers* de modo (des)interessado, devido à identificação emocional dele com

---

<sup>11</sup> Utiliza-se o termo honra enquanto respeito.

o grupo. Com efeito, dependendo do estado da imagem no Metal – o grau do desvio –, os membros estavam dispostos a aceitar o indivíduo para ajudá-lo a restaurá-la. Isso permite que aquele comportamento “modelo”, assumido pelos *Headbangers* nos eventos, permaneça atuante, mesmo que cada indivíduo em sua particularidade tenha seu papel e lhe pareça ser distinto.

Essa aceitação mútua se dava na interação paulatina, uma vez que envolvia, por parte desse membro ex-maculado, a demonstração de estar engajado, atuante e com discurso transformado acerca da realidade do Metal local. Essa relação de aceitação tácita garante a socialização sem gerar clímax intensos, isto é, não inviabiliza que a classificação do indivíduo enquanto alguém maculado tenha acabado, pois o respeito pode ser deteriorado tanto por deslizes ou escolhas próprias do membro, como por ameaças geradas por outros.

A aceitação de comportamentos modelos preserva-se enquanto um valor social importante para os encontros nos shows, pois a primeira impressão do comportamento pelo membro torna-se modelo para futuras classificações de pertencimento pelos outros membros, ficando compreendido implicitamente que, se o indivíduo desviou uma vez, poderá assim fazer novamente e manchar a imagem de quem o acompanha. Sintomaticamente, alguns indivíduos agiram dessa forma e retornaram aos shows locais, porém esses antigos músicos não buscaram mais atuar nos palcos.

O ajuste da imagem é um elemento importante da interação entre os membros do *Heavy Metal* e, a partir disso, adequar a imagem, expressar-se enquanto verdadeiro membro, compreender quem são os *outsiders*, reivindicar dogmas e atuar apropriadamente são aspectos da manutenção da imagem no processo interativo que a pesquisa se dedicou ao longo dos anos.

Considerando as razões pelas quais se faz importante manter a imagem no Metal, algumas delas são: o indivíduo mantém sua imagem devido à relação emocional que o Metal tem para ele mesmo; devido ao orgulho de ser músico de Metal, alguns começam na infância a tocar, tendo motivação do pai; pela honra de participar de espaços de “iguais”; devido aos ensinamentos adquiridos e transmitidos em relação ao que é ser *Headbanger* nos shows. Eles podem ainda querer manter a imagem pelos laços afetivos aos irmãos e as irmãs; muitos membros se conhecem em escolas ou em universidades e participam de shows juntos; eles mantêm a imagem como forma de proteção coletiva contra a evangelização dos espaços dos shows, por exemplo, haviam shows que a entrada do público era seletiva por meio de convite ou com nome em lista,

como forma de impedir os *posers* e cristãos nos eventos; aqueles que tiveram o comportamento restaurado, podendo interagir como um “integrado”.

Manter o comportamento modelo para o grupo significa sustentar a imagem coerentemente, pois, ao manter a imagem, os membros distanciam a perspectiva cristã de seu *pedaço*<sup>12</sup> na cidade, isto é, com isso o *Headbanger* evita as tensões simbólicas e emocionais a sua imagem social porque se trata de uma ameaça ao pedaço. Parte do que foi apresentado compõe aquilo que Schutz (1979) define como estoque de conhecimento do que mantém um comportamento modelo, preservando a imagem social e artística dos indivíduos que participam dos shows de *Heavy Metal*. Esse estoque de conhecimento é o que faz o grupo do *Heavy Metal* ser subversivo ao anticristianismo, esse conjunto de práticas elaboradas pelo grupo que se opõem aos comportamentos dos adeptos do Metal Cristão.

Espera-se que todos os membros do Metal tenham conhecimento da preservação da imagem e experiência em sua utilização devido ao estoque de conhecimento transmitido no grupo. O próprio interlocutor Helian realçou a preservação e o conhecimento quando afirmou que era nítido nas apresentações e músicas a oposição a religião judaico-cristã, segundo Helian era desnecessário discutir sobre essa temática no grupo porque isso “todos deveriam saber”.

Nesses momentos dos shows, foi possível observar que o acionamento das “práticas salvadoras” era feito a partir do momento que o membro tinha consciência que cometeu deslizes e gerou comentários sobre a legitimidade de seu comportamento enquanto alguém do grupo. A partir da análise das relações ocorridas no campo de pesquisa, esses indivíduos estavam tentando defender – suas carreiras e trajetórias – e proteger – seus espaços de atuação e de sociabilidade – a imagem social deles daqueles conhecidos pela evangelização e cristianização dos participantes dos shows de *Heavy Metal* local.

Em suma, nesta secção, buscou-se tratar de alguns aspectos que podem ameaçar a imagem dos membros, como situações de envolvimento acidental ou pontual com o Metal Cristão, como ocorreu no caso de Franco, mas com redenção após explicação do ocorrido e comportamento apropriado. O caso da banda boicotada também pode ser considerado aqui, quando revelado o envolvimento com músico cristão, o que poderia

<sup>12</sup> Magnani (1993, p. 193) compreende pedaço como “aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade”, com laços sociais intensos entre os seus participantes, que os levam a afirmarem que esse é seu pedaço/lugar.

ser compreendido como um despeito ao Metal – uma coisa é ocultar a crença e continuar tocando, e outra é revelá-la junto a bandas que fazem parte das atividades artísticas do *underground*.

### EVITANDO UNS E CORRIGINDO OUTROS

Observa-se que a relação não amistosa entre os adeptos do Metal Cristão e aqueles que se consideram 'não maculados' evidencia a necessidade de se distanciar desse grupo religioso. Alguns indivíduos considerados pelo grupo como maculados, afirmavam que parte deles não desejava participar dos eventos underground como forma de evitar fofocas depreciativas nos shows, já que se tornaram conhecidos pelos desvios cometidos. Na pesquisa de campo, a presença desses maculados nos shows era compreendida como indesejada, fazendo com que os membros os evitassem para se proteger, a fim de não terem suas imagens associadas a eles. Nesses momentos, alguns deles buscavam realizar uma saída do ciclo de amigos nos shows, nas redes sociais ficavam calados, saíam do grupo e demoravam a responder quando envolvia esse tema da religião em suas carreiras ou mesmo pressentia que este aspecto seria comentado diretamente ou indiretamente no grupo.

O indivíduo que carregava essas manchas ou crenças consigo nos shows, dependendo dos shows, poderia estar se aventurando e desafiando o bom senso do grupo, motivo pelo qual se torna importante entender o porquê de os *Headbangers* os evitarem nesses espaços. Num show ocorrido no centro da cidade no antigo Vitrola, aconteceu algo interessante e que a pesquisa revelou como formas de evitar certos tipos de contato. Nesse show, fora ainda dos espaços de apresentações e como modo de sociabilidade gerada pelos intervalos entre bandas nos palcos, muitos membros se reúnem fora da casa, formando pequenos grupos de amigos que conversam, trocam e compartilham bebidas e outras drogas no pedaço. Num desses pequenos grupos estavam Franco e outros colegas, ele estava vestido de preto com uma camisa de banda de *Black Metal*, os colegas que estavam em sua companhia também demonstravam simpatia pela música extrema. No entanto, Franco também recebeu um colega chamado Karlos (ex-músico), recebendo-o com certa indiferença. Após as saudações e conversa sobre as apresentações que ocorriam naquele momento. Karlos havia insultado a banda que Franco apreciava, afirmando que *Black Metal* era ruim, quando apontou para a camisa e

disse “- Black Metal de c\* é r\*la!”, ao que Franco respondeu “- Foda-se você e suas ideias, não fui eu que me casei na igreja!” (SANTOS, 2021, p. 148).

Na situação do insulto sofrido por Franco na frente dos membros que lá eram audiência e testemunharam sua revelação em relação a Karlos, o que foi posto desautorizava Karlos a afirmar qualquer coisa sobre o Metal. Franco informou que não se importava com o ocorrido, mas saiu do local, deixando a nítida impressão de estar chateado. Os membros que estavam presente naquela situação observaram e balançaram as cabeças afirmando que compreendiam o que era enunciado, algo que soou como apoio a Karlos. Entretanto, na ausência de Karlos, alguns membros comentavam de forma crítica sobre o fato de ele ter realizado seu casamento na igreja, enquanto outros ponderavam que ele havia falado a “verdade”.

Torna-se importante dizer que o suporte dado pelos outros é contextual e que depende dos indivíduos envolvidos na situação, como se observou, alguns se solidarizaram com Karlos e outros com Franco, mas a revelação não pôde ser negligenciada. Isso criou uma tensão na relação entre eles, porque a imagem que se tinha de Karlos no grupo era de músico comprometido com o Metal e sua dimensão artística. Enquanto um comportamento de defesa realizado por Franco, ficando longe do ofensor e respondendo por meio de uma retórica forte e planejada simbolicamente para que seu comportamento modelo não se tornasse desapreciado por estar conversando com alguém que havia desviado e que precisava honrar o Metal como Karlos. Com isso, Franco afirmou sua imagem para si e para os outros que assistiam a cena, dessa forma ele evitaria desavenças futuras e perder seu reconhecimento no grupo. Após essa situação, Karlos passou a frequentar mais shows fora da cidade do que os eventos locais, o que foi interpretado pelo grupo como um sinal de sua decadência moral e distanciamento simbólico da cena Heavy Metal local.

Em outros momentos dos shows em que esse tema dogmático aparecia nas conversas, a maioria dos indivíduos ex-maculados, agiam da seguinte forma; tentavam mudar o tema da conversa ou saíam para conversar com outros colegas; quando permaneciam no espaço, ficavam corados de vergonha ao perceberem o tema da conversa.

Assim como os interlocutores acima, Helian, após sofrer o *exposed*, passou a ser lembrado por alguns colegas de grupo, tanto nos shows quanto nas redes sociais, como alguém que não merecia proximidade. Havia um ar de indiferença, com afirmações de que ele era um traidor e que por isso insultos eram dirigidos à sua imagem; o que

demandou dele a tentativa de suprimir toda “energia” negativa que pairava no ar, a fim de levar sua imagem a uma dimensão que não mais fosse depreciada pelo *exposed* feito pelos membros. Foi interessante notar que Franco fez um esforço para deslegitimar todas as afirmações que fizeram sobre ele, permitindo-o ser reconhecido como alguém engajado na “cena”, mostrando ao grupo seu interesse em ser *Headbanger*, ainda que soubesse que os desvios ou manchas em sua carreira no metal poderiam deteriorar sua imagem no grupo, como ocorreu com Helian

Os maculados regularmente tentam ser discretos e não explicitam as experiências com cristianismo nas conversas, como modo de evitar causar vergonha aos indivíduos que estão nos ciclos de amigos. Evitam falar de temas que possam estar relacionados ao passado religioso e introjetam um discurso que preserve o estilo musical, visando falar sobre as bandas da noite ou notícias que tratam do *mainstream* do Metal, mantendo a imagem de todos.

Eles passam a considerar e respeitar os outros para que consigam transformar paulatinamente a percepção desviada ou manchada que o grupo tinha dos maculados, tendo em vista poder gozar de respeito próprio e demandar isso dos outros. Esse respeito ou consideração era adquirido, o indivíduo ex-maculado passava expressar elogios e caçoar daqueles que um dia se identificou como os adeptos do Metal cristão, algo que produziu certo estranhamento por parte dos membros quando identificava isso acontecendo, afinal este indivíduo ainda não era considerado totalmente “renovado” para se utilizar da crítica, isto é, o grupo ainda não tinha “autorizado” ao ex-maculado a utilização da crítica. Prática esta que visa demonstrar aos membros que podem baixar as armas do orgulho e honra, pois agora ele teria um comportamento modelo.

Quando tais enunciados surgiam nas rodas de conversas nos shows, os membros não esperavam ou desejavam que os indivíduos em seu processo de imersão no grupo tivessem seus comportamentos afetados rapidamente pela vida *Headbanger*. Ao demonstrar essa atitude considerada ofensiva, o ex-cristão explicou aos membros que fez aquilo em razão do que é socializado nas atividades do Metal, isto é, que Metal não louva a cristo, mas se opõe às suas práticas no estilo musical, por isso o grupo não deve se preocupar com suas posturas adotadas. Diante da observação de atitudes como essa, enxergou-se a reação dos membros no momento, alguns ficavam corados, por receberem o olhar inquisidor dos membros, e depois ficavam paralisados ou procuravam sair discretamente, utilizando-se da compreensão situacional para garantir que suas ações foram “bem intencionadas”. A ação de elogiar ou caçoar, observado no ex-participante

do White Metal, pode ser aproximado da experiência vivida por Whyte em sua pesquisa Sociedade de Esquina. Whyte estudou as relações sociais e de poder em uma comunidade pobre nos EUA, analisando como grupos urbanos desviantes se organizavam e sobreviviam no cotidiano de Cornerville. Durante seu trabalho de campo, ao tentar se integrar nas conversas e demonstrar adesão ao grupo, Whyte fez um comentário vulgar, pensando que ao reproduzir a linguagem do grupo o aproximaria deles. No entanto, ele foi repreendido por seu principal interlocutor, Doc, que afirmou que aquele tipo de fala "não cabia" a ele (por ser não socializado no meio), mesmo Whyte justificando que reproduzia categorias internas do grupo (WHYTE, 2005).

Quando essas ações bem intencionadas ocorriam em campo, geravam um clímax por algum membro pronunciar algo que não deveria ou não estava preparado ou autorizado por tal. Nessas ocasiões, os reintegrantes em questão tentava manter a compostura para demonstrar que nada havia ocorrido e que aquilo dito não traria problema para si. Em campo, foi observado os membros ficarem corados por falar “Deus me livre”, enquanto os membros se “faziam de cegos”, ao passo que jocosamente invertiam a frase para o “Satan me livre”; como também presenciou-se músicos discutindo no bar que o termo “Deus me livre” deveria ser retirado do vocabulário do *Headbanger* por ser um termo contrário e naturalizado no discurso do social que eles tentam se distanciar (CADERNO DE CAMPO, 2021). Essa autovigilância do grupo revela o efeito ocasionado sobre os membros, cuidando do que *dizem* e *fazem* nos shows.

O membro Helian reconhecia que havia sido ingênuo em parte de sua trajetória, ao se associar direta ou indiretamente com o cristianismo como um evento que não era ameaçador, no passado, quando ele era apenas membro da audiência. Tendo participado de cultos na condição de padre, portanto responsável por seus atos religiosos, precisou, diferente de Franco, perceber que causou algo indesejável aos membros, ao demonstrar que lidava com o assunto oposto ao grupo com veemência. Em cada número de sua revista, Helian fazia fortes críticas ao cristianismo, chegando a demonstrar como se fazia a desvinculação da igreja, cancelando seu batismo como cristão. O que revelou, por parte dele, uma certa necessidade de que os membros o reconhecessem, isto é, ele precisava da benevolência coletiva.

Esses que tiveram experiências perturbadoras no Metal, ou que mexeram emocionalmente com o modo de representar o *Heavy Metal*, podem contar com chances oferecidas pelo grupo, como forma de proteção, permitindo que eles (se desejarem) se



recomponham junto às atividades coletivas, isto é, uma “absolvição” mediante correção dos seus comportamentos. Quando algum membro do Metal não consegue evitar alguma ameaça que é oposta aos valores do grupo, quando é difícil de “deixar passar” sem ser notado, o grupo concederá a oportunidade de que este corrija suas atitudes.

Muitos membros que se envolveram no Metal como músicos tiveram passagem pela igreja, alguns aprendendo a tocar instrumentos, outros tocando efetivamente em bandas de igreja (por exemplo: Presbiteriana, Batista, Sara Nossa Terra e Bola de Neve). Alguns desses aprenderam nesses espaços e passaram a tocar nos shows de Metal Cristão e depois Metal “secular”, como ocorreu com Luciano.

Ao participar dos eventos de Metal “profano”, os membros do grupo já conheciam Luciano devido à sua banda cristã ser “comentada” tanto nas redes sociais quanto nas rodas de conversas de amigos. Luciano, ao perceber que não estava se sentindo satisfeito com a religião judaico-cristã, e por acreditar que seus pais estivessem sendo enganados por essa doutrina, decidiu ingressar e criticar essas posturas por meio da música do Metal. Luciano era um músico considerado habilidoso na guitarra, para realização de composição e improvisação. Muitos músicos de outros gêneros musicais o chamavam para tocar em bandas de forró e sertanejo – outra ação criticada pelo grupo –, o que gerava uma renda extra para ele, que depois decidiu abrir seu próprio estúdio de gravação musical.

No entanto, ele deixou sua vida na igreja e parou de tocar com bandas desses outros estilos musicais, passando a dedicar-se apenas ao Metal. De tempos em tempos, era possível ouvir membros do campo afirmando que ele teria retornado a tocar com bandas cristãs, e, logo depois, que Luciano estava no Metal secular. Ao realizar essa passagem da igreja ao Metal em considerada demasia, ele foi contestado pelo grupo, que considerou como um infiltrado do Metal Cristão nos shows; além disso, ele teve sua foto exposta numa *page* chamada *Total ódio contra White Metal*<sup>13</sup>, com a legenda informando que se tratava de um impostor no Metal e que não se desejava cristãos tocando *Heavy Metal*. Isso ocorreu mesmo que a banda da qual Luciano participava não tivesse relação com cristianismo, e mesmo que Luciano não se considerasse um cristão, uma vez que havia se desviado da religião.

Nesse momento, ele se encontrava num estado de desequilíbrio ritual, sabendo que deveria agir para restabelecer o estado ritual para todos. Luciano utilizou as redes

<sup>13</sup> Esta web página se encontra fora do ar devido ao fato de os indivíduos maculados a denunciarem.

sociais para confirmar que não pensava como antes e que agora era outra pessoa. Ele demonstrou desagrado com a exposição que sofreu e procurou investigar quem o havia denunciado. Utiliza-se aqui, a categoria ritual por ser uma categoria em que tais ações simbólicas apresentam o quanto os indivíduos participantes são dignos de respeito ou, nos termos deles, de honra por participarem desses espaços. Conforme Goffman (2011, p. 7) afirma, “nossa fachada, então, é uma coisa sagrada, e a ordem expressiva necessária para mantê-la é, portanto, uma ordem ritual”. Desse modo, suas atitudes demandam uma compostura, um conjunto de ações que, em determinadas situações, precisam ser corrigidas, algumas dessas descreve-se a seguir, por estarem conectadas à “correção”.

Num dos eventos ocorridos na praça Clementino Procópio (ou praça dos hippies), no centro da cidade de Campina Grande, interagiu-se com vários membros que ainda hoje participam dos shows na região, seja apenas como audiência ou como músico. Um desses membros foi o jovem de classe média, Flávio, que no início escutava Metal Cristão e frequentava os shows “seculares”. Numa das conversas entre ele e outros colegas do Metal, Flávio questionava a causa de o Metal se opor ao cristianismo, afinal, segundo ele a sociedade era cristã. O colega que estava participando da conversa dissertou, expondo seu argumento, dizendo que o metal era oposto a esta religião, desde seu surgimento, e que por isso era legítimo ser contra quem oprime, dizendo para todos o que deve escutar, como se vestir e como se comportar. Naquele momento era um período natalino e que o colega presente indicou ainda a Flávio que essa data comemorativa era fruto da cultura pagã e não era cristão. Flávio, mesmo iniciando no estilo musical, não deixou de ser chamado atenção pelo grupo para o erro de conduta que estava apresentando ao defender o Metal Cristão, momento devidamente assimilado por ele e a partir do qual procurou, responsavelmente, demonstrar ciência da oposição do Metal à doutrina cristã.

Toda explicação dada pelo membro naquele momento foi reproduzida por outros membros como fora observado em diversos momentos dentro e fora da cidade, endossando o motivo pelo qual determinadas questões precisam ser resolvidas na ocasião em que surgem. A partir desse momento, Flávio passou a perceber a possibilidade de corrigir sua forma de ver ou como se dá o *modus operandi* do grupo em questão, percepção que corroborava a recomposição da ordem socializada desse meio. Em algumas situações, esta possibilidade só se tornava possível pela compreensão de todos de que o que havia acontecido não podia ser considerado grave, diferente do que ocorreu nos casos de Franco e Flávio, evidenciando que o grupo atentava para as características da

ameaça e para o produtor dela. Essa percepção pode variar também de acordo com tempo que o indivíduo está no grupo, pois, se for um membro iniciado, ele deverá ter um repertório de conhecimento considerável para compreender determinadas situações, inclusive para não cometer certos erros e equívocos, o que poderia desencadear uma reação menos condescendente do grupo.

Uma justificativa regular nesse sentido era de que ele participou do show por intermediação de um terceiro, geralmente alguém associado ao Metal Cristão, “terceiro” esse que compartilhou um cartaz de show Cristão que se assemelha aos elaborados no Metal “secular” e que ele não teve culpa no ocorrido porque foi um engano. Quando um *Headbanger* revela não sustentar o estilo de vida do Metal aos outros, como frequentar os shows com assiduidade, tocar algum instrumento ou cantar, performar a subversão dentro e fora dos palcos, ele mostra que reivindicou essas ações da sua imagem. Assim, o sentido atribuído à mancha continua a operar no meio social e o manchado pelo Metal Cristão pode ser (re)integrado às interações nos eventos de Heavy Metal.

Como parte da habilidade social em restaurar seus atos inapropriados, estes membros tinham duas atuações interessantes para se destacar: primeiro, eles passaram a oferecer compensações aos membros, como dar, emprestar ou sugerir CDS de bandas de Metal “clássico”; passaram a pagar bebidas aos outros, ou se disponibilizar para pagar tickets de shows e viagens a shows em outras localidades; e, ainda, aqueles que cometeram erros compreendidos como grave apresentavam uma vigília de si e passavam a apontar os “erros” dos outros – se torna importante considerar essas etapas por constituírem um processo de restauração da ordem ritual. Após a demonstração de sua restauração, o indivíduo que foi maculado podia se mostrar enquanto uma nova criatura que pagou o preço por agir em oposição à representação do Metal e que, por isso, merecia a confiança do grupo, por ter se tornado um verdadeiro *Headbanger*.

Em suma, estes membros mostravam que os sentimentos que envolvem o grupo não seriam manchados, evitando colocá-los em posições desonrosas ou feri-los o orgulho. Com isso, a autoemulação de si aparecia como “pecador” que mereceu o tipo de tratamento devido o incidente que causou ao grupo. Assim, o membro desconsiderado pode agora assumir o papel do *Headbanger* nos shows, que, como Franco e outros demonstraram, deve ser usado de forma responsável nos eventos, mantendo a postura socializada, sem quebrá-las, uma vez que são consideradas importantes.

Após os membros se comprometerem a ajudar o indivíduo a corrigir seu “erro” e a dar uma nova chance de ver o Metal diferente, estes o aceitam, passando a considerá-

lo novamente, como forma de restabelecer o comportamento e a imagem do grupo. Só assim o indivíduo maculado podia terminar sua restauração no Metal, sendo (re)integrado, devendo esse transmitir sinais de gratidão àqueles que o aceitaram novamente nos espaços dos shows.

Esse processo de ajuste ou correção da ordem social operado nos shows, revela o quanto isso pode ser repleto de tensões. A pesquisa identificou que, há uma quebra do processo de reintegração ou correção no momento em que o indivíduo do Metal Cristão se nega a dar ouvidos aos membros e continua a reproduzir a ofensa sem tomar compostura – isso desafia o bom senso dos membros. Alguns, inclusive, relatam que já ocorreu casos de violência física (algo irregular), como o caso de jovens do Metal Cristão que caminhavam às margens do Açude Velho<sup>14</sup> e, ao se defrontarem com membros do Black Metal, tiveram suas camisas rasgadas; ou quando alguns membros jogaram latinhas de refrigerante ou de cerveja e xingaram músicos desse gênero musical.

O pesquisador Wanderley (2008) em sua pesquisa sobre os adeptos do Metal Cristão em Aracaju-SE, recupera na introdução de sua pesquisa, a experiência de conflito físico e verbal pela qual passou, junto aos seus colegas, por gostar de Metal Cristão. O pesquisador narra uma situação em que ele e outros colegas voltavam de um evento ocorrido num espaço de Aracaju destinado as bandas alternativas se apresentarem em palco. Já na madrugada, quando eles e os colegas retornavam para casa, decidiram parar numa conveniência de posto de gasolina para tomar cerveja. Neste momento, ele encontrou outros amigos que tinham o mesmo gosto musical, o pesquisador destaca que eram três indivíduos, sendo um deles desconhecido.

O relato continuou informando que ocorreu uma discussão entre eles e o “desconhecido”, repentinamente, Wanderley foi atingido por uma latinha de cerveja ainda fechada na cabeça e seu amigo iniciava uma luta com o desconhecido, em seguida, Wanderley afirmou ter entrado na briga. Segundo o pesquisador, na medida em que a briga se desenvolvia em meio ao posto de gasolina, ele podia ouvir os gritos do “desconhecido” caracterizando-o de “White Metal filho da puta” e outros termos ofensivos; “ainda em suas exclamações exaltava o Black Metal, afirmando que deveria ser “satanista”, “anticristão”, e que o “White Metal deveria morrer” (WANDERLEY, 2008, p, 8-9). O autor relatou que dias após o ocorrido, ele esteve presente num evento em que a animosidade se apresentava novamente, dessa vez, devido alguns membros impedirem

<sup>14</sup> Espaço de lazer e atividade física na cidade.

de uma banda de Metal cristão se apresentar, gerando violência física e certo stress naqueles que assistiam a situação.

Embora estes casos sejam esporádicos, revelam que esta ação só era realizada nos limites, motivos pelo qual os *Headbangers* retalias aqueles que se recusam a ouvir seus avisos. Essas ações realizadas pelos *Headbangers* negam o lugar desses indivíduos nos espaços dos shows e seus valores dogmáticos. Por isso, esses indivíduos “restaurados” demonstram desculpas antes desses incidentes reverberar internamente em algum embate físico como forma de evitar animosidades.

Revela-se assim que as emoções têm uma função fundamental nesse processo de correção, como a vergonha por ser associado a alguém que apoia uma corrente oposta ao metal, sendo foco de fofocas e rejeição; a raiva pela exposição feita por terceiros; a alegria por estar sendo reconhecido pelos seus pares. Por fim, que essas emoções operam, atreladas ao ritual experimentado e vivido nos espaços dos shows de *Heavy Metal*, na cidade de Campina Grande, como forma de evitar sua cristianização.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços dos shows para os membros do *Heavy Metal* são mais do que uma ocasião de entretenimento, é uma ocasião de encontro, de rever amigos e irmãos, uma vez que já há um estabelecimento de relação social firme, de modo que, quando o show acaba, os acordos realizados entre eles continuam em outros contextos. Durante esses encontros, a atividade desenvolvida por eles tinha uma especificidade que era experienciar o show sem ser associado àqueles indivíduos considerados pelos estabelecidos como “indesejáveis”, como eram os adeptos do Metal Cristão, e que pudessem apreciar as performances em palco com seus *brothers*. Com isso, evitavam que ocorresse alguma ofensa ao grupo, cujo foco do empreendimento, na prática, era fazer com que suas relações continuassem mantendo o caráter que prezam, que é o de se manterem subversivos, como tem sido “tradicionalmente” nos espaços dos shows e de encontros.

Dessa forma, era importante manter o comportamento para evitar manchar a imagem, ou melhor, evitar manchar tanto a si mesmo, como a imagem do outro, como fora destacado, evitando que laços sociais de amigos ou profissionais sejam desfeitos por causa dessa mancha. Isso implica manter uma imagem social em vários momentos de relação extracotidiana e um comportamento apropriado como: não frequentar shows que

sejam do Metal cristão; não ir à igreja; não manter crenças ocultas ou revelar sua crença; não socializar com adeptos do Metal Cristão; não participar de shows cristão como audiência ou músico, já que são ações que podem causar vergonha àqueles que enveredam por esta via.

A pesquisa nesses shows de Metal, revelou que há uma organicidade que visa ordenar as interações, pois havia regularidade no discurso e na prática para expressar de que forma esse estilo musical deveria ser, e o modo como eles realizavam avaliações de condutas tanto próprias quanto dos participantes nos eventos locais. Com base nisso, o grupo demanda dos indivíduos que revejam seus comportamentos e os apresentem coerentemente, com suporte sensato de seus pares. A partir daí, eles tinham que atentar aos juízos morais que eram ditos por meio de fofocas e informações nas redes sociais, que podiam colocá-los em posições indesejáveis no underground.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard S. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas: O que Falar Quer Dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008
- COELHO, Patrícia Rodarte, S. G. **Batendo cabeças: educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Minas Gerais, 2014.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1956.
- \_\_\_\_\_. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HUGHES, Everett. **The sociological eye. Selected papers**. Chicago: Aldine Atherton, Inc, 1971.
- KITTERINGHAM, S. **Extreme Conditions Demand Extreme Responses: The Treatment of Women in Black Metal, Death Metal, Doom Metal and Grindcore**. (Master's Thesis) – University of Calgary, 2014.
- LOPES, Pedro Alvim Leite. **Heavy Metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Religiosos: A Música do Demônio na Cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade federal de Rio de Janeiro, 2006.



\_\_\_\_\_. Mundo Heavy Metal no Rio de Janeiro. p.138-168. In: Velho, Gilberto. **Rio de Janeiro: cultura, política e conflito**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Ltda, 2008.

MAGNANI, José Guilherme. “Da periferia ao centro: pedaços e trajetos”. In **Revista de Antropologia**, FFLCH/USP. São Paulo, vol 35, 1993 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360>. Acesso em: 6 mar. 2025.

MARQUES, Edilson De Souza **O White metal: uma análise das táticas de resistência no underground cristão campinense 2009-2015**. Monografia (Monografia em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

MESSIAS, Jessica da Silveira. **Ethopoiésis e Heavy Metal: Subjetivação e consumo na cena de Natal-RN**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

MORAES, Lucas Lopes de. **“Hordas do Metal Negro”: Guerra e Aliança na Cena Black Metal Paulista**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, 2014.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SANTOS, Taís Vidal dos. **O true contra o poser: um estudo das condições e contradições de ser e fazer metal underground na cidade do Salvador**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2013.

SENA, Rafael. S. **Da transgressão ao conservadorismo: a escalada da extrema direita na cena Metal**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2019.

SANTOS, C. A. da S. **Underground Heavy Metal em Campina Grande de 1985-1995**. 2016. Monografia (Monografia em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

SANTOS, M, M. **Como se faz um Headbanger? entre conversas e narrativas dos jovens Headbangers em Campina Grande**. 2018. Monografia (Monografia em Ciências Sociais) - Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina grande-PB. 2018.

\_\_\_\_\_. **Shows, bandas e audiência. Uma análise microssociológica entre os Headbangers da cidade de Campina Grande-PB**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma - Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WALLACH, J., & LEVINE, A. (2012). 'I want you to support local metal': A theory of metal scene formation. *Popular Music History*, 6, 116-134. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/274300794\\_I\\_want\\_you\\_to\\_support\\_local\\_metal\\_A\\_theory\\_of\\_metal\\_scene\\_formation](https://www.researchgate.net/publication/274300794_I_want_you_to_support_local_metal_A_theory_of_metal_scene_formation)

WANDERLEY, M. Vale Dourado. **A Cena Metal Aracajuana: Identidade e conflitos entre grupos antagônicos**. Monografia (Monografia em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Sergipe, 2008.



WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Recebido em: 09/03/2025  
Parecer dado em: 23/06/2025



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)